

CAFÉ COM O PET: QUANDO AS HISTÓRIAS ECOAM, A MEMÓRIA PERMANECE VIVA

WESLEY CUNHA TEODORO¹; LUCAS MATILDE DE ALMEIDA²; HELENA SANTOS XAVIER AMARAL³; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – Wesley.Teodoro@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lucas.almeida2001@outlook.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – amaralhelena1301@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho constrói-se a partir de uma experiência como bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET) Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, cujo principal objetivo é promover reflexões e diálogos acerca dos saberes e práticas populares, especialmente aqueles originados em comunidades populares urbanas da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O PET se configura como um espaço de interlocução entre a universidade e as manifestações culturais emergentes, buscando valorizar e integrar essas práticas na produção de conhecimento acadêmico.

Nesta perspectiva, o projeto de extensão CAFÉ COM O PET emerge com o objetivo de expandir o intercâmbio entre saberes, proporcionando, assim, a criação de espaços de narrativa fluída e não formal, onde os participantes e convidados possam partilhar vivências e conhecimentos. Sendo assim, o projeto supracitado desenvolve-se a partir de uma lógica de atuação simples, porém repleta de enriquecimento que são construídos, essencialmente, através do diálogo, utilizando para tal a cultura do café¹ como ponto de partida característico para discussões que abordem saberes populares, ancestralidade e práticas sustentáveis a exemplo. Como defende SANTOS (2016), a oralidade e as trocas informais também são formas legítimas de produzir conhecimento, e é justamente esse espírito que orienta o projeto.

Uma das edições mais marcantes aconteceu em 21 de maio de 2025, às 14h, no Bar Utopia, em Pelotas. O convidado foi o professor de História Francisco Vitória, que trouxe o tema *Corpos-Território: a lógica da resistência negra em Pelotas*. A conversa aconteceu em clima acolhedor, com café quente, tortas fritas e muita proximidade entre quem falava e quem escutava. Embora aberto a outros interessados, o encontro experienciou-se de forma mais intimista com a participação de integrantes e ex-integrantes do PET Fronteiras, fato este que reforçou a sensação de partilha e pertencimento.

Esse encontro foi registrado em áudio e em fotografias, que foram publicadas no instagram do grupo², servindo não apenas como lembrança, mas também como forma de dar continuidade às reflexões. O material gravado será incorporado ao Podcast Fronteiras, outro projeto do grupo, ampliando o alcance da experiência e permitindo que mais pessoas possam ouvir, refletir e se conectar com as histórias compartilhadas.

Em suma, o objetivo deste trabalho é, portanto, discorrer e apresentar a ação supracitada, analisando seu impacto na comunidade, assim como seu potencial de transformação social. Ademais, objetifica-se discutir como essa experiência pode contribuir para a formação crítica e cultural dos estudantes e participantes envolvidos, a partir de uma perspectiva que valoriza a intersecção entre o saber popular e o saber acadêmico.

¹ Por cultura do café compreende-se as práticas sociais e culturais em torno do café e os conteúdos ligados à memória e à tradição.

2. METODOLOGIA

Este trabalho nasce das nossas experiências como bolsistas no Programa de Educação Tutorial (PET) Fronteiras: Saberes e Práticas Populares. O programa busca promover reflexões sobre os saberes e práticas populares, destacando sua relevância também dentro do espaço acadêmico. Assim, o foco está no conhecimento que emerge das manifestações culturais das comunidades urbanas de Pelotas/RS, fortalecendo o diálogo entre a universidade e esses saberes.

Neste panorama, a dinâmica do CAFÉ COM O PET promove uma ruptura de protocolos rígidos, estabelecidos previamente pela academia. A ideia do projeto é fomentar a criação de ambiente de caráter simplificado, mas cuidadoso, onde a proximidade seja o ponto de partida. Sendo assim, o CAFÉ COM O PET se apresenta como um espaço essencial para a construção de novas formas de conhecimento, valorizando práticas leves e descontraídas que aproximam membros, convidados e participantes. Mais do que incentivar o debate em torno dos saberes populares, o projeto propõe uma forma inovadora de educação, usando a cultura do café como ponto de encontro e de estímulo às interações.

Para esse encontro, o espaço foi idealizado e organizado pelos participantes do PET para acolhê-los e ao convidado em especial. O preparo coletivo do café, a partilha das tortas fritas e a roda de conversa entre indivíduos presentes na ação promoveram a criação de um clima descontraído que caracteriza a máxima da proposta do projeto.

Nesse sentido, ressalta-se que essa forma de conduzir o encontro dialoga com NOGUEIRA & ALMEIDA (2024), os quais pontuam a importância do papel dos encontros cotidianos na preservação da memória social. Também se aproxima das reflexões de FONSECA (2020), ao considerar a memória como prática viva de resistência contra o apagamento histórico.

A conversa fluiu sem roteiro formal, conduzida pelo ritmo das lembranças e reflexões do convidado. A gravação em áudio foi realizada com consentimento, garantindo que aquele momento de escuta pudesse ser preservado e, futuramente, retomado em outros formatos.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Ao longo da roda, o professor Francisco Vitória compartilhou passagens de sua trajetória pessoal e política, sempre marcadas pela resistência e pelo compromisso com a educação como prática de liberdade. Sua fala ecoa o que FREIRE (1987) já apontava: a educação pode e deve ser um caminho de emancipação.

O tema Corpos-Território guiou a reflexão, trazendo à tona discussões sobre racismo, moradia, espiritualidade e religiosidade de matriz africana. Tais aspectos se conectam com as análises de SILVA (2021), que mostra como os territórios negros no Rio Grande do Sul se constituíram em espaços de luta e afirmação identitária. Também lembram as observações de VIEIRA (2017), que denuncia como a presença negra nas cidades do Sul foi invisibilizada, embora permaneça viva na memória coletiva.

Para os membros do grupo, ouvir essas histórias significou mais do que acompanhar um relato: foi um convite à reflexão sobre pertencimento, ancestralidade e identidade. Como destacam SILVEIRA, AFONSO & CRUZ (2020), experiências de escuta em lugares de memória são capazes de fortalecer vínculos e formar novas percepções sobre a própria história.

O impacto foi imediato. Ainda que não tenha resultado em um produto final material, o encontro deixou marcas nos participantes, confirmando a potência do simples: criar espaços onde o saber popular não precisa de formalidade para ser reconhecido como legítimo.

4. CONSIDERAÇÕES

O Café com o PET, em sua edição com o professor Francisco Vitória, reafirmou a importância de valorizar práticas de escuta, afeto e memória. O encontro mostrou que, em um círculo de cadeiras, com café passado e histórias compartilhadas, pode nascer um espaço de aprendizado tão potente quanto uma sala de aula.

A cidade de Pelotas, cenário desse encontro, é também o lugar onde o professor Francisco Vitória cresceu e se desenvolveu, e esse vínculo pessoal tornou sua fala ainda mais significativa. Falar sobre Corpos-Território em sua própria cidade de origem foi um gesto de resistência e de memória: um olhar crítico sobre o espaço que o formou e que, ao mesmo tempo, carrega contradições profundas.

Pelotas é lembrada pelas charqueadas, pelos casarões e pelo prestígio das famílias tradicionais, símbolos que até hoje alimentam o turismo local e reforçam uma narrativa que privilegia a herança material das elites. Contudo, essa versão da história silencia a base sobre a qual a cidade foi erguida: o trabalho forçado de homens e mulheres negros escravizados, bem como a presença indígena que também contribuiu para a formação da região (SILVA, 2021; GEEUR, 2020). Foram esses sujeitos que sustentaram a economia, seja nas charqueadas, nas lavouras, nas chácaras, na lida campeira ou nos serviços urbanos, e, ainda assim, sua centralidade foi invisibilizada em nome de uma memória seletiva.

Ouvir o professor Francisco, nesse contexto, significou acessar essa “outra Pelotas”, que pulsa nos corpos, nas práticas culturais e nas resistências transmitidas de geração em geração. Sua fala escancarou que a cidade não se resume às fachadas preservadas e aos cafés elegantes, mas também é feita de suor, dor e resiliência de comunidades que seguem lutando por reconhecimento e dignidade. Questionar a história oficial, portanto, é reivindicar o direito de trazer à tona histórias que foram apagadas.

A figura marcante e significativa de Francisco não foi apenas simbólica, mas profundamente enriquecedora. Como sugere o tema do encontro, Corpos-Território: a lógica da resistência negra em Pelotas, suas palavras ecoaram como testemunhos vivos de uma trajetória marcada pela luta, pelo pertencimento e pela construção coletiva do conhecimento. Para os bolsistas presentes, entre eles estudantes negros, periféricos e oriundos de diferentes regiões do país, essa partilha teve um impacto ainda mais significativo. Ouvir um professor que cresceu na mesma cidade e que atravessou experiências semelhantes, construindo seu caminho na universidade sem abrir mão de sua identidade e de sua origem, foi como abrir uma janela para uma memória muitas vezes oculta.

Esse encontro também reforça o papel do PET como espaço de formação ampliada, que vai além do conteúdo formal. Trata-se de um território de acolhimento, de diálogo e de aprendizagem crítica, onde a história é valorizada não apenas como dado, mas como experiência viva. Para os que participaram, não foi apenas uma conversa: foi uma verdadeira narrativa construída a partir de pilares de dignidade, sobre o valor da memória e sobre o poder de ter a própria trajetória reconhecida. O que o professor Francisco Vitória entregou ao grupo não

foi apenas um relato, mas um legado, que seguirá reverberando na vida e na formação de cada um dos presentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Marcus Vinícius. **Entre memórias e resistências: reflexões sobre a nação e os desafios da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEEUR – Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos. **Patrimônios invisibilizados: para além dos casarões, quindins e charqueadas**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2020.

NOGUEIRA, Larissa; ALMEIDA, Rodrigo. **Memória social e encontros cotidianos: práticas de resistência em comunidades populares**. Revista Brasileira de Educação Popular, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 45-62, 2024.

PAIVA, Angela. **Extensão universitária e comunidades: aproximações e desafios**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 103-118, 2016.

PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares. **O chão que pisamos em Pelotas é um palimpsesto de silêncios**. [post no Instagram]. 21 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJ7zuGGMZch/?igsh=MWhkYjM1OTEyd3hyMA==> Acesso em: 28 ago. 2025.

RÁDIOCOM. **A outra Pelotas: o protagonismo negro que foi esquecido em meio à narrativa hegemônica**. RádioCom, Pelotas, 20 maio 2024. Disponível em: <https://www.radiocom.org.br/noticia/a-outra-pelotas-o-protagonismo-negro-que-foi-esquecido-em-meio-a-narrativa-hegemonica/26957>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Lilian Soares da. **Identidades subtraídas: grupos étnico-raciais na formação dos territórios negros gaúchos**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 161, p. 103-123, dez. 2021.

SILVEIRA, Rodrigo; ALFONSO, Luciana; CRUZ, Daniela. **Passo dos Negros: memórias e resistências em Pelotas**. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 25, n. 1, p. 1-18, 2020.

VIEIRA, Daniela Machado. **Territórios negros em Porto Alegre: presença e invisibilização da população negra**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.